

FRED VARGAS

A TERCEIRA VIRGEM

Tradução de Isabel St. Aubyn

1

Se prendesse a cortina da janela com uma mola de roupa, Lucio podia observar o novo vizinho mais à vontade. Era um tipo atarracado e moreno, que erguia um muro de blocos de cimento sem um fio-de-prumo, e de tronco nu, debaixo de um vento fresco de Março. Após uma hora de observação, Lucio abanou rapidamente a cabeça, como um lagarto que põe termo a uma sesta reparadora, soltando dos lábios o cigarro apagado.

– Aquele – disse, estabelecendo finalmente o seu diagnóstico – não tem miolos na cabeça, não tem habilidade nas mãos. Vai avançando em cima do burro, seguindo a bússola. Que lhe faça bom proveito.

– Então deixa-o em paz – disse a filha, sem convicção.

– Sei muito bem o que tenho a fazer, Maria.

– Do que gostas, acima de tudo, é de incomodar as pessoas com as tuas histórias.

A língua do pai deu um estalido contra o céu-da-boca.

– Não falarias assim se sofresses de insónias. Numa destas noites, vi-a como te estou a ver a ti.

– Sim, disseste-mo.

– Passou pelas janelas do primeiro andar, lenta como um espectro.

– Pois sim – repetiu Maria, indiferente.

O velho endireitara-se, apoiado na bengala.

– Dir-se-ia que esperava a chegada do novo, que se preparava para se abater sobre a presa. Ele – acrescentou o velho, apontando com o queixo para a janela.

– Pois, ele – disse Maria. – O que lhe disseres entra-lhe por um ouvido e sai-lhe pelo outro.

– O que ele fizer, é lá com ele. Dá-me um cigarro, vou meter-me a caminho.

Maria entalou o cigarro directamente nos lábios do pai e acendeu-o.

– Maria, meu Deus, corta o filtro.

Maria obedeceu e ajudou o pai a enfiar o casaco. Depois, meteu-lhe no bolso um pequeno rádio que emitia palavras inaudíveis entre interferências. O velho nunca se separava daquele rádio.

– Não te mostres brusco diante do vizinho – disse ela, compondo a *écharpe*.

– O vizinho já viu muita coisa, acredita em mim.

Adamsberg trabalhara despreocupadamente sob a vigilância do velho que morava em frente, perguntando-se quando viria ele testá-lo em carne e osso. Viu-o atravessar o pequeno quintal num passo oscilante, alto e digno, rosto belo sulcado de rugas, cabelo de um branco impecável. Adamsberg preparava-se para lhe estender a mão quando se apercebeu de que o homem não tinha o antebraço direito. Ergueu a colher de pedreiro em sinal de boas-vindas e pousou no vizinho um olhar calmo e indefinido.

– Posso emprestar-lhe o meu fio-de-prumo – disse o velho, num tom cortês.

– Eu desvençilho-me – respondeu Adamsberg, aplicando um novo bloco de cimento. – Na minha terra, sempre construímos os muros a olho e eles continuam de pé. Inclinação, mas de pé.

– O senhor é pedreiro?

– Não, sou polícia. Comissário de polícia.

O velho encostou a bengala ao muro novo e abotoou o colete até ao queixo, o tempo de digerir a informação.

– Procura droga? Coisas assim?

– Cadáveres. Faça parte da Brigada Criminal.

– Muito bem – disse o velho, após um breve choque. – Eu trabalhava em barras.

Piscou o olho a Adamsberg.

– Não as barras dos tribunais, hem, as barras de madeira. Vendia soalhos.

Um brincalhão nos seus velhos tempos, pensou Adamsberg, dirigindo um sorriso de compreensão ao novo vizinho, que parecia capaz de se distrair com um pequeno nada, sem ajuda dos outros. Divertido, jovial, mas com dois olhos negros que penetravam a fundo no interlocutor.

– Carvalho, faia, abeto. Se precisar, já sabe a quem se dirigir. A sua casa só tem tijoleira.

– É verdade.

– É menos quente do que o soalho de madeira. Chamo-me Velasco, Lucio Velasco Paz. Empresa Velasco Paz & Filha.

Lucio Velasco exibia um sorriso franco, sem deixar de olhar para o rosto de Adamsberg, que inspeccionava ponto por ponto. Aquele velho que não se dispunha a largá-lo tinha alguma coisa para lhe dizer.

– Maria tomou conta da empresa. Tem a cabeça bem assente nos ombros, não vá contar-lhe tolices, ela não aprecia.

– Que espécie de tolices?

– Tolics sobre almas do outro mundo, por exemplo – disse o homem, semicerrando os olhos negros.

– Não há perigo, não sei histórias sobre almas do outro mundo.

– Toda a gente diz isso e depois, um dia, aprende-se uma.

– Talvez. O seu rádio não está bem sintonizado. Quer que o arranje?

– Para quê?

– Para ouvir as emissões.

– Não, *hombre*. Não quero ouvir asneiras. Na minha idade, temos o direito de não nos deixarmos enganar.

– Com certeza – aquiesceu Adamsberg.

Se o vizinho queria trazer no bolso um rádio sem som, e se queria chamar-lhe *hombre*, não havia nenhum problema.

O velho fez mais uma pausa, examinando a maneira como Adamsberg assentava os blocos de cimento.

– A casa, está satisfeito com ela?

– Muito.

Lucio exprimiu um gracejo inaudível e deu uma gargalhada. Adamsberg sorriu delicadamente. Havia alguma coisa de juvenil no

seu riso, quando tudo o resto na sua postura parecia indicar que era mais ou menos responsável pelo destino dos homens deste mundo.

– Cento e cinquenta metros quadrados – prosseguiu o velho. – Um jardim, uma lareira, uma cave, uma arrecadação para a lenha. Em Paris, já não existem casas assim. Não se surpreendeu por lhe ter custado uma bagatela?

– Por ser demasiado velha, estar degradada, imagino.

– E nunca se perguntou por que razão não a demoliram?

– Situada no fundo de uma ruela, não incomoda ninguém.

– Ainda assim, *hombre*. Nenhum comprador em seis anos. Não o impressionou?

– Para dizer a verdade, senhor Velasco, não me impressiono facilmente.

Adamsberg raspou o excesso de cimento com a colher.

– Mas imagine que se impressionara – insistiu o velho. – Imagine que se tinha perguntado porque não aparecera ninguém a querer a casa.

– Por os sanitários serem no quintal. As pessoas já não suportam tal coisa.

– Podiam construir um muro para estabelecer a ligação, como o senhor está a fazer.

– Não o faço por mim, mas pela minha mulher e o meu filho.

– Meu Deus, não vai trazer uma mulher para viver aqui?

– Não, não creio. Só aqui estarão de passagem.

– Mas ela? Não vai dormir aqui, ela?

Adamsberg franziu o sobrolho, enquanto o velho pousava a mão no braço, procurando chamar a atenção.

– Não se considere mais forte do que os outros – disse o velho, baixando de tom. – Venda a casa. Há coisas que nos escapam. Estão acima de nós.

– Como por exemplo?

Lucio remexeu os lábios, mascando o cigarro apagado.

– Está a ver isto? – perguntou ele, erguendo o antebraço direito.

– Estou – respondeu Adamsberg respeitosamente.

– Perdi-o quando tinha nove anos, durante a Guerra Civil.

– Sim.

– E, às vezes, sinto comichão. Comichão no braço que me falta, sessenta e nove anos mais tarde. Num sítio bem preciso, sempre o mesmo – disse o velho, designando um ponto no vazio. – A minha mãe conhecia a razão: é a picada da aranha. Quando fiquei sem o braço, ainda não tinha acabado de me coçar. Portanto, continuo a sentir comichão.

– Pois, com certeza – disse Adamsberg, remexendo o cimento sem fazer barulho.

– O ciclo de vida da picada ainda não terminara, compreende? Ela exige o que lhe é devido, vingá-se. Não lhe recorda nada?

– As estrelas – sugeriu Adamsberg. – Brillham mesmo depois de mortas.

– Pode ser – admitiu o velho, surpreendido. – Ou o sentimento: pense num tipo que ainda gosta de uma mulher, ou o contrário, quando já está tudo lixado, está a ver a situação?

– Sim.

– E por que razão o tipo ainda gosta da mulher, ou o contrário? Como se explica?

– Não sei – admitiu Adamsberg, paciente.

Entre duas rajadas de vento, o sol fraco de Março aquecia-lhe suavemente as costas e Adamsberg sentia-se bem ali, a construir um muro naquele jardim ao abandono. Lucio Velasco Paz podia falar durante o tempo que quisesse, não o incomodava.

– É muito simples, o sentimento não chegou ao fim da vida. Essas coisas existem para além de nós. É preciso aguardar pelo seu termo, é preciso coçar até ao fim. E se morrermos antes de atingir o fim da vida, é a mesma coisa. Os assassinados continuam a deambular pelo vazio, sementes nocivas que nos interpelam constantemente.

– Picadas de aranha – alvitrou Adamsberg, encerrando o ciclo.

– Almas do outro mundo – corrigiu o velho, muito sério. – Compreende agora por que razão ninguém quis a sua casa? Por estar habitada, *hombre*.

Adamsberg acabou de limpar o balde do cimento e esfregou as mãos.

– Porque não? – admitiu ele. – Não é coisa que me incomode. Estou habituado a situações que me escapam.

Lucio ergueu o queixo e observou Adamsberg com alguma tristeza.

– És tu, *hombre*, que não escaparás, se te armares em esperto. Que é que pensas? Que és mais forte do que ela?

– Ela? É uma mulher?

– Uma alma penada do século anterior ao anterior, da época anterior à Revolução. Uma velha maldição, uma sombra.

O comissário passou lentamente a mão pela superfície rugosa dos blocos de betão.

– Ai sim? – perguntou, subitamente pensativo. – Uma sombra?